

# PROXÊMICA LINGUÍSTICO -DISCURSIVA: UM MECANISMO DE MODALIZAÇÃO INTERSUBJETIVA<sup>1</sup>

PROXÊMICA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UN MECANISMO DE MODALIZACIÓN  
INTERSUBJETIVA

LINGUISTIC-DISCURSIVE PROXEMICS: A MECHANISM OF INTERSUBJECTIVE  
MODALIZATION

Rodrigo Albuquerque\*

Aline Muniz\*\*

Universidade de Brasília

RESUMO: A partir das contribuições conceituais de proxêmica e de proxêmica verbal, almejamos construir o conceito de proxêmica linguístico-discursiva. Para tanto, utilizaremos três textos empíricos, com a finalidade de dar visibilidade a esse mecanismo em três campos teóricos distintos: as teorias de (im)polidez e de face; a noção de gêneros discursivos; e a indexicalidade comum às pistas contextualizadoras, à referenciação e à dêixis social/discursiva. Em suma, constatamos que a proxêmica linguístico-discursiva, presente nos três campos teóricos, se relaciona ao estabelecimento de interações mais/menos (as)simétricas.

PALAVRAS-CHAVE: Proxêmica linguístico-discursiva. Modalização intersubjetiva. (Im)polidez. Gêneros Discursivos. Indexicalidade.

RESUMEN: A partir de los aportes conceptuales de proxêmica y proxêmica verbal, pretendemos construir el concepto de proxêmica lingüístico-discursiva. Por tanto, utilizaremos tres textos empíricos, con el propósito de dar visibilidad a este mecanismo en tres campos teóricos distintos: las teorías de la (des)cortesía y de face; la noción de géneros discursivos; y la indexicalidad común a las pistas de contextualización, la referenciación y la deixis social / discursiva. En definitiva, encontramos que la proxêmica

<sup>1</sup> Em uma primeira versão, este artigo foi denominado *Proxêmica linguístico-discursiva nas interações face a face*. Contudo, diante de outros caminhos que o manuscrito tomou, foi necessário adequar o título.

\* Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília e docente na mesma instituição. E-mail: [rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com](mailto:rodrigo.albuquerque.unb@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5279-4311>.

\*\* Mestra em Linguística pela Universidade de Brasília e graduada em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua pela mesma instituição. E-mail: [aline.munizaraujo@gmail.com](mailto:aline.munizaraujo@gmail.com). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6718-1817>.

lingüístico-discursiva, presente en los tres campos teóricos, está relacionada con el establecimiento de interacciones más / menos (as) simétricas.

PALABRAS CLAVE: Proxémica lingüístico-discursiva. Modalidad intersubjetiva. (Des)cortesia. Géneros Discursivos. Indexicalidad.

ABSTRACT: Based on the conceptual contributions of proxemics and verbal proxemics, we aim to construct the concept of linguistic-discursive proxemics. Therefore, we will use three empirical texts, with the purpose of giving visibility to this mechanism in three distinct theoretical fields: the theories of (im)politeness and face; the notion of discourse genres; and the indexicality common to contextualization cues, referencing and social/discursive deixis. In short, we found that the linguistic-discursive proxemics, present in the three theoretical fields, is related to the establishment of more/less (as)symmetric interactions.

KEYWORDS: Linguistic-discursive proxemics. Intersubjective modality. (Im)politeness. Discourse Genres. Indexicality.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em um artigo divisor de águas para a Sociolinguística Interacional, Goffman (1964) dá relevo à situação negligenciada por algumas correntes de estudos da linguagem: as condutas sociais acompanham a fala. Inegavelmente, quando falamos, agimos, como bem destaca Austin (1975 [1962]). Logo, essa fala, de caráter acional, não se dissocia de outras manifestações languageiras, as quais convocam os/as interagentes para a construção conjunta de sentidos. O termo *conjunta* pressupõe, ao mesmo tempo, que tais sujeitos constroem mutuamente os sentidos, e que estes congregam múltiplas semioses.

Esse processo de construção de sentidos, inerente à interação<sup>2</sup>, engloba, entre outros recursos semióticos, mecanismos de linguagem que podem promover aproximação e distanciamento dos/as interagentes nos planos (não)verbais. Nesse sentido, a distância interlocutiva se estabelece por meio de modalizações (não)verbais, com vistas a promover maior/menor aproximação ou distanciamento, a depender dos propósitos interacionais dos sujeitos. Pressupomos que esse mecanismo regulador, denominado por nós de proxémica lingüístico-discursiva, esteja presente em diversas manifestações languageiras. Esse mecanismo aciona sentidos distintos que dizem respeito, por exemplo, a (im)polidez, (in)formalidade, (não)envolvimento conversacional, violência física/simbólica/(não)verbal, ironia/sarcasmo, afetividade/indiferença, apatia/empatia, (as)simetria dos/as interlocutores/as etc.

Frequentemente confundida pelo senso comum com mitigação/atenuação, a modalização assume um caráter hiperonímico no plano da significação (ALBUQUERQUE, 2015). Inspirados em Koch (1998), consideramos que a modalização sinaliza o modo como aquilo que se enuncia é, de fato, enunciado, de forma que tais usos, consoante Turnbull e Saxton (1997), possam abrir espaço para o julgamento dos/as interlocutores/as. No âmbito da proxémica lingüístico-discursiva, a modalização se associa tanto às aproximações e aos distanciamentos marcados nos planos (não)verbais quanto aos efeitos e às avaliações de tais ações (não)verbais.

Diante desses pressupostos, almejamos construir o conceito de proxémica lingüístico-discursiva, a partir das contribuições conceituais de proxémica (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) e de proxémica verbal (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b). Por meio de três textos empíricos, daremos visibilidade a esse mecanismo em três campos teóricos distintos: as teorias de (im)polidez e a noção de face; a noção de gêneros discursivos; e a indexicalidade comum às pistas contextualizadoras, à referenciação e à dêixis social/discursiva. Inscritos na Sociolinguística Interacional, na Pragmática e na Linguística Textual, acreditamos que os pressupostos teóricos em interface e o nosso objetivo possam contribuir para dar relevo a um mecanismo bastante presente nas interações cotidianas, com a finalidade de atribuímos ainda mais sentido às práticas sócio/interculturais das quais participamos.

<sup>2</sup> Para nós, oralidade e escrita, de modo contínuo, acionam sujeitos sociocognitivos/interacionais, rompendo, assim como nos inspira Marcuschi (2008), com a dicotomia de que o caráter interacional só está presente em encontros face a face. Sob esse prisma, somos partidários de que quaisquer textos – oriundos de meio gráfico/sonoro, inscritos em concepção oral/escrita, produzidos on-line/off-line – convocam interagentes, carregam sentidos negociáveis e, portanto, assumem propriedades interacionais.

## 2 A PROXÊMICA LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UMA PROPOSTA

Nesta seção, propomos uma integração conceitual entre proxêmica (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) e proxêmica verbal (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b), admitindo, sob a ótica sociointeracional, que semioses verbais e não verbais atuam conjuntamente e, em especial, evocam uma dimensão discursiva, (re)construída em instâncias intersubjetivas. Assumimos, paralelamente, que a integração proposta – *proxêmica linguístico-discursiva* – visa dar relevo à regulação proxêmica intersubjetiva e discursiva presente em algumas proposições teóricas, a serem exploradas na próxima seção.

A proxêmica, termo cunhado por Hall (1963), diz respeito à percepção dos sujeitos quanto ao uso do espaço. Originalmente, o conceito não se associou diretamente a humanos, mas a um complexo comportamento de atividades relativas à territorialidade animal (HALL, 1968). Observou-se que certos comportamentos animais, tais como os estímulos sensoriais e as hierarquizações, são semelhantes ao modo como o homem experiencia o espaço físico (na organização e no controle desse espaço). Rector e Trinta (1986) destacam que a territorialidade se relaciona com a agressão, que, na visão dos etólogos, consiste em um ingrediente necessário à vida, motivando os animais a estabelecerem o distanciamento adequado. Proxêmica, portanto, congrega invasão e defesa (KNAPP, 1972; KNAPP; HALL, 1992).

Transpondo-o para as relações humanas, o termo aplica-se “[a]o significado social do espaço” (RECTOR; TRINTA, 1986, p. 60), relacionando-se, segundo assegura Hall (1963), à estruturação cotidiana e inconsciente do microespaço pelos/as interagentes, a partir de marcações posturais, de orientação espacial, de manifestações cinésicas, de contato físico, de direcionamento de olhar, de sensação térmica, de percepção olfativa e de volume de voz. Essas regulações “dão tom à comunicação, acentuam-na e, às vezes, substituem o mundo falado”, de forma que “[...] o fluxo e a mudança de distância entre as pessoas à medida que elas interagem [sejam] parte integrante do processo de comunicação” (HALL, 1965 [1959], p. 160).

Afiliado a uma perspectiva marcadamente cultural, Hall (1986 [1966]) investiga a inter-relação dos sujeitos com o espaço físico; em especial, o modo como tais sujeitos, influenciados por convenções culturais, negociam as distâncias e as aproximações, em conformidade com suas demandas sociointeracionais. Tal associação indica que o conceito não se atrela somente à relação sujeito-ambiente, visto que a territorialidade intervém nas esferas pessoais e sociais, na construção das imagens dos/as interagentes, nas relações hierárquicas entre tais interagentes e nas convenções instituídas sócio/interculturalmente. Hall (1986 [1966]) admite não ser possível agirmos ou interagirmos dissociados de nossa cultura. Esta, nesse sentido, enquadra e perspectiva as experiências sensoriais nas diferentes interações.

As distâncias são percebidas, segundo Hall (1986 [1966]), em três níveis, a saber: infracultural (aspectos biológicos), pré-cultural (aspectos fisiológicos) e microcultural (aspectos sócio/interculturais). Em linhas gerais, Hall (1986 [1966]), mesmo focalizando o caráter cultural das distâncias, propõe a seguinte notação proxêmica: íntima (0 a 40cm), pessoal (45cm a 1,25m), social (1,25 a 3,6m) e pública (acima de 3,6m). Muito além de uma referência numérica, cremos que Hall (1986 [1966]), sem qualquer pretensão universalista, traz possibilidades de distintas organizações interpessoais a partir de gêneros discursivos em que os/as interagentes se inscrevem.

Ao cunhar o termo *proxêmica verbal*, Carreira (1997) concebe, a partir da noção de proxêmica (HALL, 1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968) e do modelo trimorfo de Pottier (aproximação, contato e afastamento), que a regulação da distância interlocutiva pode ocorrer no plano verbal, por meio de formas de tratamento (ou, de modo mais global, por meio de um leque de possibilidades de autodesignação e de heterodesignação), de formas de interlocução e de formas de polidez (CARREIRA, 1997, 2014, 2015). Para tanto, o espaço interlocutivo regula-se por meio de três variáveis: (i) eixos horizontal e vertical (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992); (ii) atos de elocução, de alocação e de delocução (CHARAUDEAU, 2008); e (iii) polidez linguística (BROWN; LEVINSON, 1987).

Mesmo assumindo ser complexa a transposição de relações espaciais (proxêmica) para domínios não espaciais (proxêmica verbal), Carreira (1997) julga pertinente extrapolar o conceito antropológico, enquadrando metaforicamente o espaço no âmbito da distância/proximidade social, emocional e cognitiva. A autora considera que a relação entre proximidade e distanciamento na dimensão verbal afeta as interlocuções. Acrescenta, ainda, que o estudo da arquitetura espacial, pela antropologia, é tão legítimo

quanto o estudo relativo ao uso de recursos linguísticos de dada língua na regulação da distância/proximidade (inter)locutiva (CARREIRA, 2017b).

O modelo trimorfo de Pottier, em associação ao legado de Hall (1965 [1959], 1963, 1986 [1966], 1968), consiste em uma representação imagética dos movimentos de aproximação, contato e afastamento. A partir da noção de proxêmica e da adaptação do modelo trimorfo, Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017b) sugere que, entre um conjunto de possibilidades linguístico-discursivas, o espaço interlocutivo pode demarcar interações simétricas (aproximação interlocutiva) e assimétricas (afastamento interlocutivo). Assim, a noção territorial, inerente às duas contribuições, promove uma regulação do espaço interlocutivo por meio das três variáveis por nós mencionadas no início desta seção.

A primeira variável (eixos horizontal e vertical) diz respeito à relação que os sujeitos assumem em dada interação. O eixo horizontal se estabelece em interações simétricas, em que a distância e a proximidade são negociadas pelo desejo dos/as atores/atrizes sociais em uma relação mais familiar ou mais distante; ao passo que o eixo vertical se estabelece em interações assimétricas, em que os planos hierárquicos são responsáveis pelas configurações proxêmicas (CARREIRA, 1997). Tais eixos, assim como mencionaremos na terceira variável, se associam com distância social, poder relativo e grau de imposição cultural (BROWN; LEVINSON, 1987).

A segunda variável (atos de elocução, de alocação e de delocução), igualmente presente nas relações de poder (especialmente em interações assimétricas), contempla a projeção do sujeito nas interações, que mantém relações consigo mesmo (ato elocutivo), com seu/sua interlocutor/a (ato alocutivo) e/ou com terceiros/as (ato delocutivo). A noção de territorialidade se estabelece a partir do papel social do/a outro/a, das distâncias sociais esperadas no contato com esse/a ator/atriz social, e das ações sociais culturalmente convencionalizadas a si, ao par e ao/à terceiro/a. Os atos de decidir, pedir e relatar outro discurso são representativos, respectivamente, de atos elocutivos (ponto de vista sobre o mundo), alocutivos (relação de influência) e delocutivos (apagamento do ponto de vista), conforme exemplifica Charaudeau (2008).

A terceira variável (polidez linguística), por sua vez, leva em consideração a congruência entre as ações de linguagem e seu/sua enunciadador/a em interações mais ou menos horizontais/verticais, o que comprova, em nossa leitura, que as motivações para as configurações proxêmicas são resultado da confluência das três variáveis. A noção de *face* (GOFFMAN, 1967), que consiste na imagem social reivindicada no momento da interação entre locutor/a e seus/suas interlocutores/as, associa-se, inegavelmente, ao debate em torno da polidez – tratada, em especial, por Brown e Levinson (1987), ao pressupor que os/as interagentes têm necessidades relativas à valorização de suas faces positivas (ações que, por meio de estratégias de polidez positiva, valorizam o/a interagente) e à preservação de suas faces negativas (ações que, por meio de estratégias de polidez negativa, preservam o território do/a interagente).

Avaliamos, concernentemente à terceira variável, que a notória relação territorial presente na noção de proxêmica, no modelo trimorfo, no eixo horizontal-vertical e nas ações dos/as atores/atrizes sociais traz, invariavelmente, desdobramentos para as demandas relativas à face negativa e, em retomada às duas variáveis anteriores, para as instâncias intersubjetivas – os/as atores/atrizes sociais presentes na interação –, uma vez que aproximações e distanciamentos podem ocorrer em atendimento à distância social, ao poder relativo e ao grau de imposição cultural (BROWN; LEVINSON, 1987). No entanto, a face positiva, indissociável da face negativa, também pode sofrer repercussões, pois ações que visam à aprovação social podem, em alguma medida, afetar a territorialidade – o elogio, por exemplo, pode tanto reforçar a face positiva (valorização) quanto ameaçar a face negativa (infração territorial). Ressaltamos, ainda, a inter-relação da terceira variável com as formas de designação de si e do/a outro/a (CARREIRA, 1997, 2014, 2017a), visto que tais formas, combinadas com outros recursos modalizadores, constroem e regulam as interações e a imagem social dos/as interagentes (CARREIRA, 2017a), seja no quesito territorialidade (face negativa), seja no quesito aprovação social/valorização (face positiva).

Nas contribuições de Carreira (1997, 2014, 2015), é perceptível a proximidade entre (im)polidez e proxêmica verbal, o que, em nossa visão, ocorre pelas necessidades da face negativa e pela recomendação de estratégias de polidez negativa, com vistas a regular a distância interlocutiva. No entanto, a (im)polidez, por um lado, parece abarcar a proxêmica verbal, ao prever, por exemplo, necessidades da face negativa e um conjunto de outras estratégias (de indiretividade e de polidez positiva); por outro lado, parece

ser abarcada por ela, ao se constituir como um dos campos teóricos que se valem desse mecanismo. As formas de tratamento/autodesignação/heterodesignação, as formas de interlocução e as formas de polidez podem ser enquadradas como “[...] um conjunto de meios linguísticos particularmente adequados para a regulação da distância interlocutiva” (CARREIRA, 1997, p. 18).

A proposta de Carreira (2014, p. 32), em síntese, consiste em “[...] propor um modelo semântico-pragmático para o estudo da cortesia<sup>3</sup> na perspectiva da proxêmica verbal em português”, a fim de desvelar os recursos linguísticos e as manifestações discursivas “[...] reguladoras da relação interpessoal e, de modo mais amplo, da relação social” (CARREIRA, 2014, p. 32), a partir do entendimento de que “[...] os recursos linguísticos e as realizações discursivas poderão ser situados na arquitetura trimórfica da proxêmica, com suas múltiplas variantes” (CARREIRA, 2014, p. 35).

De modo geral, as projeções teóricas de Carreira (1997, 2014, 2017b), instanciadas no domínio semântico-pragmático, incluem as manifestações verbais no estabelecimento das distâncias e na configuração do espaço interlocutivo, vinculadas às três formas linguísticas já mencionadas por nós: formas de tratamento, formas de interlocução e formas de polidez (CARREIRA, 1997, 2014, 2015). Em leitura dos trabalhos da autora, constatamos que (i) as contribuições dela avançam para instâncias interacionais e discursivas, o que transcenderia o domínio assumido; (ii) as três formas linguísticas (para nós, linguístico-discursivas) são o foco de suas investigações, o que significa constatar que o construto não é restritivo a tais formas, mas se aplicou ao objeto de estudo da autora; e (iii) a relação entre as três formas não é de sobreposição, e sim de composição conceitual, dado que a proxêmica verbal não é equivalente à noção de (im)polidez, mas um mecanismo que, entre outras possibilidades, regula interações mais ou menos (im)polidas, por meio de modalizações realizadas no plano pragmático-discursivo.

Em suma, a tônica do trabalho de Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017a), marcada, inclusive, no título de sua primeira obra (CARREIRA, 1997), incide na modalização linguística em situação de interlocução, considerando que os/as interlocutores/as, ao utilizarem meios verbais de modalização para regular a distância/proximidade interlocutiva, se valem de recursos proxêmicos no âmbito verbal. O espaço interlocutivo ao qual Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017b) faz referência congrega pontos de vista linguísticos e discursivos, ao conjugar tanto um sistema de virtualidades que prevê expressões prontas para se designar (e designar terceiros/as) quanto realizações linguísticas negociadas (e modalizadas) contextualmente pelas perspectivas do/a enunciator/a e do/a intérprete. Todo esse debate colabora para a nossa proposição, que se instancia no domínio linguístico-discursivo.

Destacamos, a seguir, uma contribuição bastante relevante para o desfecho das considerações atinentes à proxêmica verbal: as projeções do construto para uma perspectiva cultural (CARREIRA, 2015). Embora a autora, em 1997, já tivesse chamado a atenção para a necessidade de se “desenvolver uma exploração intersemiótica e intercultural do campo” (CARREIRA, 2015, p. 7), ela busca, em 2015, “[...] um caminho para a complexidade semiótica da expressão enunciativa e interlocutiva da gradação da abordagem e da distância, em contextos culturais” (CARREIRA, 2015, p. 2). Igualmente, Carreira (2015) considera a proxêmica verbal sob quatro pontos de vista: antropológico (pela noção intercultural de proximidade/distância); semiótico (pela congregação de semioses verbais e não verbais no estabelecimento de proximidade/distância); semântico-conceitual (pela negociação de sentidos inerentes à proximidade/distância dos/as interagentes: conceptualização, semiotização e enunciação do/a locutor/a, e identificação, compreensão e reações do/a interlocutor/a); e cultural (pela congregação dos três anteriores, sob uma ótica cultural). Em síntese, “[...] a proxêmica verbal, portanto, constrói a arquitetura do espaço interlocutivo, graças a uma semiotização verbal e para-verbal contextualizada tanto linguística quanto culturalmente” (CARREIRA, 2015, p. 8).

Diante de tantos avanços de Carreira (1997, 2008, 2014, 2015, 2017a, 2017b), chegamos à conclusão de que nossa proposta se centraliza muito mais na proposição de um outro termo – a *proxêmica linguístico-discursiva* –, que parece abarcar melhor os postos e os pressupostos conceituais. A autora já abre um caminho mais instanciado em domínios linguístico-discursivos, ao conceber que seu modelo semântico se centraliza “na construção de sentidos, tanto do ponto de vista enunciativo quanto interpretativo e interativo” (CARREIRA, 2015, p. 8). Ademais, como a autora se deteve, com notória dedicação, ao estudo das designações de si e do/a outro/a, em um âmbito semântico-pragmático, avaliamos que as contribuições da teoria avançam para outras perspectivas:

<sup>3</sup> Mantivemos o termo utilizado pela autora (2014).

congregam semioses verbais e não verbais, em instâncias (mais) pragmáticas (do que semânticas), sociointeracionais, sociodiscursivas e sociocognitivas. Tais avanços nos motiva a frisar não só o domínio linguístico (micro), mas também o social/discursivo (macro) manifestado em uma dimensão interacional (meso).

Essas instâncias, por sua vez, convocam-nos a pensar na proxêmica linguístico-discursiva como mecanismo que regula as distâncias estabelecidas/construídas pelos/as interagentes tanto nas dimensões materiais (cotexto) quanto nas dimensões subjetivas (contexto), o que engloba, por conseguinte, instâncias verbais e não verbais. A seguir, ilustramos uma interação de mãe e filha que, embora não seja um dado empírico, representa uma situação culturalmente possível entre brasileiros/as.

Filha: ((caminhando em direção à porta de casa))  
Mãe: posso saber para onde a senhora vai?

Em uma análise que transcende os domínios semânticos, poderíamos inferir, apenas pelo diálogo transcrito, que o enunciado da mãe não denota respeito à autoridade da filha, haja vista que a relação entre ambas, no que tange ao plano hierárquico, colabora para que a mãe seja tratada por senhora. É comum, na cultura brasileira, que a associação desse termo a uma pessoa mais jovem (em geral, filho/a) evidencie uma ironia, que se constrói, portanto, pelo contexto em questão, a partir da integração do conteúdo verbal com os recursos extraverbais (entonação) e não verbais que configuram uma censura ao desejo da filha. Essa composição indica, em um domínio linguístico-discursivo, que a interação em si não revela um distanciamento: ao ser chamada de senhora, a mãe lança mão da ironia para sinalizar que a filha não tem autonomia para decidir aonde vai.

Na seção seguinte, reuniremos temas diversos que, em alguma medida, contemplem esse mecanismo regulatório de distâncias no âmbito linguístico-discursivo. É claro que tais debates teóricos, com exceção da teoria da polidez, não fazem menção a esse mecanismo, o que nos instiga a fazer esta proposição: a proxêmica linguístico-discursiva funciona como mecanismo que rege as experiências interlocutivas. Acrescentamos, por fim, que, dado o caráter, muitas vezes, interdisciplinar desses temas, não nos atreveremos a situá-los em um domínio teórico único.

### 3 MECANISMOS PROXÊMICOS NO ÂMBITO LINGUÍSTICO-DISCURSIVO

O termo por nós alcunhado – *a proxêmica linguístico-discursiva* – poderia nascer de duas transposições semiótico-discursivas: a primeira delas (da proxêmica à proxêmica verbal) com o deslocamento (metafórico) de relações espaciais para domínios não espaciais (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b); e a segunda (da proxêmica verbal à proxêmica linguístico-discursiva) com a migração do domínio semântico-pragmático para os domínios sociointeracional, sociodiscursivo e sociocognitivo. No entanto, o termo *transposição*, “ato ou efeito de por em lugar diverso” (FERREIRA, 2008), inspira uma mudança paradigmática não pretendida por nós, embora haja, sem dúvida, certo deslocamento. Assim, concebemos se tratar de uma reconfiguração conceitual, decorrente da composição de conceitos convergentes, haja vista nosso interesse (i) em uma relação espacial, que, inegavelmente, abarca motivações sócio/interculturais; (ii) em um domínio não espacial instanciado no cotexto (no plano da significação materializada ou inferível no texto); e (iii) em um domínio intersubjetivo e discursivo acionado pelo contexto emergente da interação (o que engloba os conhecimentos de mundo dos/as usuários/as).

Diante dessa composição conceitual, encontramos em distintos temas, inscritos em domínios teóricos que conjugam linguagem e sociedade, mecanismos linguístico-discursivos que promovem, a partir do distanciamento e da proximidade intersubjetivos, efeitos diversos, que abarcam o desejo de tais atores/atrizes sociais em serem mais/menos polidos/as, mais/menos formais, mais/menos assimétricos/as, mais/menos sarcásticos/as, entre outras possibilidades. Por pressupormos que a proxêmica linguístico-discursiva constitui um mecanismo presente na atividade linguageira, agrupamos, nesta seção, temáticas afins que originaram três campos teóricos (integrados): (i) (im)polidez, como já constatou Carreira (1997, 2014, 2015), e *face*; (ii) gêneros discursivos; e (iii) pistas contextualizadoras (acionadas por *frames* e por *footings*), referência, e dêixis social e discursiva.

Antes de adentrarmos em tais campos, cabe trazer dois esclarecimentos. O primeiro deles é que não almejamos dar tratamento teórico aos temas mencionados, tampouco verticalizar o debate teórico em si, mas focalizar os mecanismos linguístico-discursivos presentes em tais construtos e ilustrá-los em textos empíricos. Nesse sentido, tais textos cumprem o papel de demonstrar/ilustrar o mecanismo proxêmico. O segundo esclarecimento, fortemente relacionado ao primeiro, consiste em destacar que, por procedermos com uma análise exclusivamente qualitativa, não almejamos trazer quaisquer generalizações ou relações determinísticas do tipo “e-mail formal sempre promoverá aumento da distância interlocutiva”, mas, conforme anunciamos em nosso objetivo (na seção introdutória), desejamos dar visibilidade a esse mecanismo nos três campos teóricos tratados a seguir, como uma possibilidade de configuração proxêmica.

Por fim, frisamos que o longo caminho teórico trilhado na seção anterior visou possibilitar nesta seção a aplicação do construto em três campos teóricos já consolidados nos estudos da linguagem. Os campos teóricos seguintes foram abordados por meio de uma brevíssima revisão de literatura para, a partir dessa ação, visionarmos os mecanismos proxêmicos, que é o nosso objetivo de pesquisa. A escolha dos textos empíricos, realizada no Google Imagens, se deu a partir das palavras-chave “impolidez e tirinha”, “e-mail formal” e “charge e termo pejorativo”, dado o nosso interesse por textos curtos (tirinha, e-mail e charge) e por ações sociais (impolidez, registro formal e termo pejorativo) que, provavelmente, evocariam redução/aumento da distância interlocutiva.

### 3.1 (IM)POLIDEZ E VIOLAÇÃO/PRESERVAÇÃO DA FACE

A polidez porta, em resgate à etimologia da palavra, “[...] a função de arredondar os ângulos e ‘polir’ as engrenagens da máquina conversacional, a fim de preservar seus usuários de graves lesões” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006 [1996], p. 101). Foi a partir da década de 1970, com os estudos de Lakoff (1973), de Leech (1983) e de Brown e Levinson (1987), que o debate ganhou centralidade no meio acadêmico, “[...] despertando interesse em examinar sistematicamente como mantemos boas relações e evitamos conflitos interpessoais por meio do uso de diferentes formas e estratégias linguísticas” (CULPEPER *et al.*, 2017, p. 2).

Assim como já mencionamos, o conceito de face relaciona-se fortemente com a teoria de (im)polidez. Goffman (1967) associa a face tanto à neutralização de incidentes quanto ao desejo dos/as interagentes em conquistarem uma aprovação mútua de suas faces, o que significa que o construto, segundo referimos em Albuquerque e Muniz (2020), não abarca um domínio subjetivo, mas intersubjetivo. A necessidade de gerenciar as faces (respeitando ou violando suas necessidades) é o que motiva os/as interagentes a lançarem mão de estratégias de (im)polidez. Valendo-se explicitamente do legado de Goffman (1967), Brown e Levinson (1987) propõem que os atos ameaçadores à face podem ser reparados por meio de superestratégias de polidez positiva (valorização) e de superestratégias de polidez negativa (preservação territorial), em atendimento às necessidades relativas às faces positiva (ser apreciado/a, aprovado/a) e negativa (ser livre de imposições). Além dessas duas superestratégias, os autores contemplam, ainda, mais três superestratégias, relacionadas ao desejo de ameaçar a face diretamente (sem reparos), de ameaçá-la indiretamente ou de simplesmente não ameaçá-la.

Embora a teoria da polidez tenha ganhado notoriedade com a publicação de Brown e Levinson (1987), os seus antecessores, Lakoff (1973) e Leech (1983), trazem contribuições bastante pertinentes para a literatura. A noção de face, mesmo não sendo mencionada por Lakoff (1973) e por Leech (1983), é, de alguma forma, contemplada em seus escritos, dado ser inegável a relação entre os dois construtos. Ao propor as estratégias de não ser impositivo, de oferecer opções e de fazer com que o/a outro/a se sinta bem, Lakoff (1973) se alinha às necessidades das faces negativa (duas primeiras estratégias) e positiva (última estratégia). Leech (1983), por sua vez, descreve seis máximas de polidez (máximas do tato, da generosidade, da aprovação, da modéstia, do acordo e da simpatia). A partir de tais máximas, Leech (1983) recomenda tanto a minimização de custos e a maximização de benefícios para o/a outro/a quanto a maximização de custos e a minimização de benefícios para si, contemplando necessidades das faces negativa (minimização de custos ao/à outro/a) e positiva (maximização de benefícios ao/à outro/a).

Lakoff (1973), Leech (1983) e Brown e Levinson (1987), situados na primeira onda dos estudos de polidez, privilegiaram a análise dos enunciados (micro), com mínima projeção para a enunciação (macro), assim como as perspectivas ética (foco no pesquisador) e universalista do construto (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). Uma abordagem discursiva surge, na segunda onda dos estudos de polidez, com as contribuições de Eelen (2001), Mills (2003) e Locher e Watts (2005), por meio das quais se valorizaram a análise de dados empíricos, a conjugação dos níveis micro e macro (com predominância para o nível macro) e a visão ética do construto (foco

nos/as colaboradores/as do estudo) (BLITVICH; SIFIANOU, 2019). Surge, então, a terceira onda que, ao estabelecer o nível meso de análise – o texto –, se situa entre as abordagens mais clássicas (primeira onda) e mais discursivas (segunda onda) (HAUGH; CULPEPER, 2018), que, em nossa visão, privilegia estudos situados sócio/interculturalmente e inscritos genericamente (em dado gênero discursivo). Ao reconhecermos que a polidez, apesar de ser um fenômeno universal, se manifesta distintamente entre as culturas (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004), estamos conjugando os domínios micro, macro e meso, sobretudo pelas inegáveis contribuições de uma teoria universalista (primeira onda) projetada para instâncias discursivas e culturais (segunda onda) e, mais ainda, para interagentes inscritos/as em dada cultura e em dado gênero discursivo (terceira onda). Como nos situamos no nível meso, vamos avaliar os mecanismos proxêmicos que subjazem a (im)polidez no texto seguinte:



Imagem I: A (im)polidez na tirinha

Fonte: Souza (2012)

No primeiro quadrinho, a senhora mantém distanciamento do rapaz, com olhar e corpo projetados para frente. O rapaz, diferentemente dela, oscila entre ações de maior/menor distanciamento. Ele, ao mesmo tempo, se aproxima, ao adverti-la, ao tocar suas costas e ao projetar seu corpo para frente, e, minimamente, se distancia, com o uso verbal de *minha senhora*, que, consoante Neves (2011), é comum em vocativos que indicam tratamento cerimonioso. Talvez esse conjunto de ações tenha ocorrido inicialmente pelo desejo do jovem de advertir (dado o seu incômodo) e de não ser impolido, respeitando as necessidades da face da senhora que, por ser mais velha e por ser desconhecida, concorreriam com um menor grau de imposição. No segundo quadrinho, a senhora, pelo incômodo de ser interpelada, mantém-se de costas, em claro sinal de impolidez, mas, provavelmente pela diferença de idade, reduz tal distância com uma resposta impolida, em que faz uso pejorativo do diminutivo (*rapazinho*). O rapaz, por sua vez, motivado pela agressividade da resposta da interlocutora, lança mão da ironia no terceiro quadrinho, aproximando-se sem qualquer mitigador da senhora, que esboça reação de espanto.

Consideramos, para efeitos de análise, que a (im)polidez é construída pela convergência entre as expressões linguísticas e o contexto (CULPEPER, 2011), mas que seu julgamento não decorre das expressões em si. Em outras palavras, “não há sentença inerentemente polida ou impolida”, e sim condições sob as quais essas expressões são utilizadas (FRASER; NOLEN, 1981, p. 96). Em incursão bastante aproximada com o debate de proxêmica verbal, valendo-se, portanto, da ideia de espaço metaforicamente transposto dos domínios não verbais (CARREIRA, 1997, 2008, 2014, 2015, 2017b), Culpeper (1996) assume que a invasão de território tanto literal (uma aproximação excessiva) quanto metafórica (um pedido ou uma pergunta muito íntima) são estratégias de impolidez negativa, consoante nossa análise.

### 3.2 GÊNEROS DISCURSIVOS

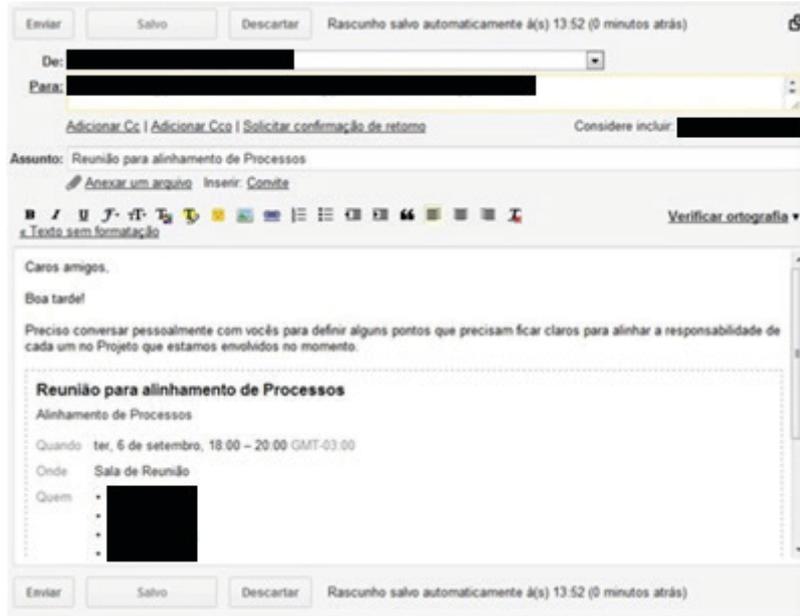
A noção de gêneros do discurso nasce entre 1952 e 1953, de um manuscrito inacabado de Bakhtin, denominado *O problema dos gêneros do discurso* (FARACO, 2009). Desde aquela época, tem sido comum o atual uso inflacionado e epidêmico (FARACO, 2009) do termo tanto nos fóruns acadêmicos quanto no campo pedagógico. Bakhtin (2010 [1992]) conceitua gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados” decorrentes das inúmeras atividades humanas. A partir desse conceito, o construto bakhtiniano, cuja tônica deveria “incidir sobre o termo relativamente” (FIORIN, 2016, p. 71), contempla o plano composicional, o conteúdo temático e o estilo (a seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais). As noções de proxêmica linguístico-discursiva e de gêneros discursivos convergem, então, para a enunciação, que, aos moldes bakhtinianos, é a unidade real de

comunicação verbal, o que colabora para pensarmos que os gêneros, de algum modo, possibilitam aos sujeitos inscritos neles diversas ações linguageiras, incluindo a negociação proxêmica.

Albuquerque e Araújo (2021) assumem que a manifestação estilística e a relativa estabilidade, como propriedades dinâmicas do construto bakhtiniano, abrem espaço para pensarmos na diversidade da constituição do gênero, considerando, para tanto, que as atividades do sujeito enunciativo se ajustam a demandas sócio/interculturais. Ou seja, a singularidade “estará necessariamente em diálogo com o coletivo” (BRAIT, 2012, p. 98), o que significa que o estilo se manifesta nas instâncias intersubjetivas (e não individuais). Ao se inserirem em dada prática sociocultural, inscrita em dado gênero, os sujeitos devem “[...] adaptar o modelo do gênero a seus valores particulares, adotando um estilo próprio, ou mesmo contribuindo para a constante transformação dos modelos” (KOCH, 2015, p. 65). Por congregarem o que é cognitivamente previsível (plano composicional e conteúdo temático – propriedades estáticas) e o que é cognitivamente possível (estilo – propriedade dinâmica) (ALBUQUERQUE, 2017), pressupomos que os gêneros discursivos, de igual modo, convocam os/as interlocutores/as para se ajustarem aos espaços interlocutivos previstos e, mais ainda, para negociarem os espaços interlocutivos possíveis.

Ainda no âmbito do legado bakhtiniano, ressaltamos que a heterogeneidade dos gêneros presentes socialmente colabora para a reflexão relativa às aproximações e aos distanciamentos dos/as interagentes. Nesse sentido, os gêneros primários e secundários, concebidos, respectivamente, por Bakhtin (2010 [1992]), como simples e complexos, se situam em distintas esferas: enquanto os primários englobam gêneros pertencentes à comunicação mais imediata, os secundários se associam a um “[...] convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado” (BAKHTIN, 2010 [1992], p. 263). Em nossa ótica, a distinção também se estabelece pelos mecanismos proxêmicos, ao considerarmos que os gêneros primários, por integrarem práticas socioculturais mais cotidianas, podem ser congruentes com manifestações proxêmicas mais íntimas, como no caso de uma conversa entre amigos/as, em que o distanciamento tenderia a ser menor. Sob esse prisma, os gêneros secundários, por abarcarem práticas socioculturais menos cotidianas, podem, contrariamente, trazer manifestações proxêmicas mais distanciadoras, como no caso de um artigo acadêmico, em que a proximidade tenderia a ser menor.

Além do caráter sócio-histórico e dialógico (BAKHTIN, 2010 [1992]), interessa-nos, igualmente, considerar outras dimensões consonantes com o postulado bakhtiniano. Em uma dimensão sociocultural e sociocognitiva, situamos que os gêneros, em especial suas propriedades dinâmicas, funcionam como forma cultural e cognitiva de ação social (MILLER, 1984) “corporificadas de modo particular na linguagem” (MARCUSCHI, 2010, p. 19). Em suma, os gêneros, como artefatos culturais (MILLER, 1984, 1994) emergentes de processos sociais (BAZERMAN, 2014 [2004]), possibilitam a seus/suas atores/atrizes sociais sinalizar modos típicos de agir, o que inclui, em atendimento às demandas genéricas, a sinalização de maior/menor distanciamento interpessoal. Em uma dimensão sociointeracionista, pressupomos, em alinhamento com a noção de estilo bakhtiniano, que os/as interagentes lançam mão de “formas específicas de semiotização” (BRONCKART, 2007 [1999]), mobilizando tais formas para estabelecerem a regulação da distância interlocutiva, a depender de suas metas enunciativas e de seu alinhamento com as previsões e as possibilidades genéricas. Vejamos, então, como esse conjunto de pressupostos teóricos se manifesta no texto seguinte:



**Imagem 2:** o e-mail como gênero discursivo

**Fonte:** Rocha (2011)

Há uma polêmica, ainda presente na academia, relativa ao e-mail: um gênero ou um suporte de gênero? Na verdade, ele pode ser um suporte do tipo correio eletrônico, como o programa *Outlook*, e, ao mesmo tempo, um gênero correlato das cartas pessoais (MARCUSCHI, 2008). O entendimento de Paiva (2005, p. 77-78), com o qual concordamos, é de que o meio de transmissão de mensagens eletrônicas gerou “[...] um gênero eletrônico escrito com características típicas de memorando, bilhete, carta, conversa face a face e telefônica, cuja representação adquire ora a forma de monólogo ora de diálogo”. Dado o hibridismo presente no gênero, a partir do notório *continuum* entre a fala e a escrita (MARCUSCHI, 2008), que varia de um memorando a uma conversa, avaliamos que o gênero prevê (e possibilita) um vasto gradiente proxêmico, em conformidade com a relação que os/as interagentes mantêm entre si, concorrente com demandas interlocutivas: maior/menor (as)simetria entre os sujeitos.

Não nos referimos a relações estereotipadas, fixas e formulaicas, do tipo empregado/a x empregador/a, professor/a x aluno/a, colega de trabalho x colega de trabalho, mas a relação, de fato, entre os sujeitos, sem deixar de lado seus papéis sociais. Ora, não podemos imaginar, por exemplo, que todo/a funcionário/a de dada empresa marca uma distância (ou uma proximidade) interlocutiva com seu/sua chefe de forma igual. Imaginamos, ainda, que um/a funcionário/a que tem uma convivência mais próxima com o/a chefe fora do ambiente de trabalho pode, mesmo em um e-mail formal, projetar algumas aproximações. Há, ainda, chefes que optam por um estilo mais informal (e por uma consequente aproximação de seus/suas funcionários/as), o que convocaria uma redução da distância intersubjetiva.

No campo do trabalho, há um tabu de que as comunicações eletrônicas devem ser estritamente formais, sem que haja, na maioria das vezes, uma explicação mais discursiva. Podemos ver essa avaliação, por exemplo, em Gold (2005, p. 100), ao afirmar que, no e-mail, “mantém-se a formalidade exigida pela situação”. Longe de criticar esses manuais de escrita, assumimos que a Linguística Textual possa abrir diálogos com tais materiais, destinados a instrumentalizar a escrita de textos nessa modalidade (redação nas empresas). Em e-mails, acreditamos ser possível notar, com clareza, que a distância interlocutiva se associa aos/às interagentes convocados/as pelo texto e às escolhas estilísticas do/a autor/a. Embora o texto sob análise seja uma comunicação empresarial, o vocativo *Caros amigos* busca certa redução da distância interlocutiva, talvez com o intuito de promover uma interação mais afetiva e, com isso, buscar maior adesão da equipe ao que é solicitado.

Na sequência, o cumprimento (*boa tarde*) e o corpo do texto trazem, em boa parte, maior distanciamento, mitigado com alguns usos que indicam maior proximidade, como a primeira pessoa do plural, que envolve o autor do e-mail nas ações a serem executadas no projeto, e a forma de tratamento *vocês*. As pessoas do discurso (as designações do/a outro/a) marcam as responsabilidades sobre as ações: a primeira pessoa do singular e a segunda pessoa do plural marcam maior distanciamento (o/a chefe precisa e os/as

funcionários/as, interlocutores/as do/a chefe, assumem as responsabilidades); ao passo que a primeira pessoa do plural, maior proximidade (o/a chefe, ao se incluir, mostra-se corresponsável pelo projeto, já que está envolvido/a também).

Assim, o texto analisado não parece excessivamente distante (formal), como podem apregoar alguns manuais dedicados à instrumentalização da escrita do gênero, mesmo sendo um gênero secundário (BAKHTIN, 2010 [1992]). Desse modo, o estilo do/a autor/a, que oscila entre o formal/distante e o informal/próximo, é coerente com as práticas socioculturais do gênero, assim como, por essa razão, com os prováveis e os possíveis espaços interlocutivos. A alternância estilística (do formal ao informal), como modo típico de agir e de mobilizar ferramentas de semiotização, pode promover maior adesão ao pedido realizado.

### 3.3 INDEXICALIDADE: LÉXICO, TEXTO, DISCURSO E INTERAÇÃO

Com interesse no caráter indexical que rege as interações, aventamos, nesta subseção, um debate integrado entre (i) pistas contextualizadoras (GUMPERZ, 1982, 2001; ADENDORFF, 1996; STREECK, 2010), *frames* (BATESON, 1987 [1972]; GOFFMAN, 1986 [1974]; TANNEN; WALLAT, 1987) e *footing* (GOFFMAN, 2002 [1979]); (ii) referência (MONDADA; DUBOIS, 1995; MARCUSCHI, 2007; KOCH; ELIAS, 2008, 2012); e (iii) dêixis social e discursiva (LEVINSON, 2007 [1983]; ARCHER *et al.*, 2012). Tais domínios teóricos conjugam, ao mesmo tempo, um caráter inferencial a ser negociado pelos/as interagentes em dado enquadre, e uma construção instanciada no cotexto e no contexto. Em comum, destacamos perpassar em todos os campos teóricos uma indexicalidade intersubjetiva, contextualmente situada e focalizada nas ações dos sujeitos em atividade interacional, cuja projeção se dá, igualmente, para as distâncias interlocutivas.

Compondo um construto teórico dedicado à inferência conversacional e ao estabelecimento de pistas contextualizadoras na interação face a face, Gumperz (1982) faz referência a um sistema multinível de sentidos, entre os quais destacamos a regulação proxêmica, que inspira a negociação entre os sinais enunciados e as interpretações resultantes da enunciação. No curso dessa atividade, as pistas são desveladas a partir de nossas expectativas conversacionais, decorrentes de experiências interativas anteriores, que alinham “[...] qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e *como* cada oração se relaciona ao que a precede ou sucede” (GUMPERZ, 1982, p. 131). Avança Gumperz (1982) ao considerar que o peso interpretativo das pistas enunciadas é muito maior que o significado linguístico, o que nos faz pensar que a interação se constitua como território de negociação linguageira, o que se estende para o âmbito da proxêmica linguístico-discursiva.

As pistas, nesse sentido, afetam a interpretação, tornam evidente o papel que a indexicalidade desempenha na conversa (GUMPERZ, 2001), delineiam o contexto, fornecem informações sobre as ações dos/as interagentes (ADENDORFF, 1996) e conferem sentido à relação social destes/as (STREECK, 2010). Ao reconhecerem a relação dialética entre língua(gem) e sociedade, os estudos sociointeracionais assumem a tarefa de analisar os usos e as repercussões dos enunciados em contextos específicos (conjunto de ações que cercam um evento e evocam a interpretação). A interação é guiada pelas convenções socioculturais; ela não é desordenada, visto que as regras culturais organizam as ações de seus/suas participantes.

As pistas, ainda, fornecem enquadres contextuais e possibilitam alinhamentos entre os sujeitos em interação, a fim de que, conjuntamente, negociem os sentidos partilhados. Para tanto, traremos, na sequência, uma breve síntese dos conceitos de *frames* e de *footing*, considerando a sintonia entre ambos os conceitos com a noção de pistas contextualizadoras. Em analogia a uma moldura de um quadro e a um conjunto matemático, Bateson (1987 [1972]) refere que *frames* são enquadres psicológicos que, explícita ou implicitamente, delimitam mensagens (ou ações significativas), isto é, incluem certas ações significativas e, por conseguinte, excluem outras. Sob a ótica de Goffman (1986 [1974]) e de Tannen e Wallat (1987), a noção transcende um conhecimento linguístico-conceptual, na medida em que se relaciona “[...] ao enquadramento social dos falantes na interação e aos regimes e práticas sociais que a qualificam” (MORATO, 2010, p. 94).

Os *frames* são, portanto, ativados, (re)atualizados e negociados no curso da interação: os/as interagentes vão se enquadrando por instâncias cotextuais e contextuais, as quais conduzem os/as participantes a alcançarem suas intencionalidades. Na ausência de ativação de sentidos para determinado enunciado (não entendido) ou na ativação de sentidos não pretendidos pelo/a interagente (mal-entendido), tem-se o desalinhamento de *frames*.

Goffman (1986 [1974]), por sua vez, convoca-nos a pensar que os *frames*, como esquemas de interpretação, podem ser (i) naturais e vinculados a ocorrências *puramente físicas*/determinadas (sem orientação, sem animação), como é o caso de uma informação relacionada à meteorologia em um relatório; ou (ii) sociais, relacionados ao conhecimento prévio de eventos, à agência, à volitividade e à intencionalidade, cuja descrição se alinha a *ações guiadas*. A noção de *footing*, ancorada à noção social de *frames*, contempla o alinhamento dos/as participantes nos eventos e a negociação intersubjetiva de sentidos. Goffman (2002 [1979], p. 113) refere-se “[a]o alinhamento, ou porte, ou posicionamento, ou postura, ou projeção pessoal do participante”, prevendo que tais sujeitos podem, a depender de seus propósitos na interação em curso, mudar de *footing*. Parece ser central ao debate de Goffman (1986 [1974], 2002 [1979]) que os sentidos, acionados por pistas que promovem dados *frames* (enquadres) a partir de determinados *footings* (alinhamentos), são construídos nos encontros interacionais.

Tannen e Wallat (1987) fazem referência aos conceitos de *enquadres interativos*, destacando ambas as contribuições de Goffman (1986 [1974], 2002 [1979]) – *frames* e *footing* –, e de *esquema de conhecimentos*. Na visão das autoras, esse esquema se relaciona “[...] às expectativas dos participantes acerca de pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo, fazendo distinção, portanto, entre o sentido desse termo e os alinhamentos que são negociados em uma interação específica” (TANNEN; WALLAT, 1987, p. 207). Ao investigarem o estabelecimento de *frames* em uma consulta pediátrica, Tannen e Wallat (1987) constatam que o uso de distintos registros pela médica para interagir com a criança (maternalês), com a mãe desta (convencional) e com os/as residentes (relato) era resultante das particularidades das três plateias (três encontros sociais distintos). Os três alinhamentos e, conseqüentemente, os três registros usados proporcionavam, de igual modo, três enquadres. Isto é, cada *frame* convocava um *footing* e um registro distintos.

Embora Tannen e Wallat (1987) tenham, inegavelmente, contribuído para o construto, concordamos com Morato (2010) que a cisão entre os enquadres interativos (noção interacional) e os esquemas de conhecimento (noção semântica/conceptual) não é apropriada, haja vista a sua integração em um *continuum* dialético, sob o argumento de que não há, integralmente, cognição fora da linguagem, tampouco linguagem fora da interação (MORATO, 1996).

As pistas contextualizadoras, construídas a partir do alinhamento dos/as interagentes e do enquadre destes/as na interação, se relacionam, em virtude de seu caráter inferencial, com a referenciação, que, como processo dinâmico e subjetivo, diz respeito à “construção e reconstrução dos objetos-do-discurso” (KOCH; ELIAS, 2008, p. 123). A alusão a objetos-do-discurso (e não a objetos-do-mundo), à qual nos afiliamos, se fundamenta, sob uma ótica sociocognitiva e sociointeracional, na inexistência de uma relação especular língua/signo/referência, considerando, para tanto, que a língua, por ser “um sistema de indeterminações sintático-semânticas” (MARCUSCHI, 2007, p. 70), “não é um retrato, e sim um trato do mundo” (MARCUSCHI, 2007, p. 108). A atividade de referenciação constitui um dos reguladores das distâncias interlocutivas, pois as escolhas lexicais são motivadas pelo grau de distância/familiaridade, pelas ideologias, pelas relações hierárquicas assumidas pelos sujeitos, pelo contexto e pelas convenções sócio/interculturais. É na interação que (re)construímos cooperativamente com o/a nosso/a interlocutor/a os objetos-do-discurso (as representações da realidade, as designações do/a outro/a e de nós mesmos, as avaliações dos movimentos proxêmicos), os quais passam pelos filtros cultural, ideológico, social e individual.

A referenciação é, portanto, uma categoria pela qual os sujeitos, a partir de suas experiências intersubjetivas, tomam o mundo no curso da interação. Essa ativação de objetos-do-discurso, entre outras ações, orienta os/as interagentes não só temporo-espacialmente, mas social e discursivamente. Nesse sentido, a noção de dêixis, associada ao contexto da enunciação (LEVINSON, 2007 [1983]), abarca tanto “as identidades sociais e/ou a relação entre falantes, interagentes e outros” quanto “partes de um texto ou de um discurso que ocorreram antes ou ocorrem após o enunciado do interagente” (ARCHER *et al.*, 2012, p. 27), que se associam, respectivamente, à dêixis social e à dêixis discursiva. Ao exemplificarem a dêixis social com o enunciado *Prazer em conhecê-lo, professor Ajimer*, Archer *et al.* (2012) esclarecem que as referências possíveis ao professor dependem de quem seja o/a interlocutor/a e do grau de (in)formalidade pretendido, optando por focalizar (ou não) o *status* ocupacional. A dêixis discursiva, consoante Archer *et al.* (2012), engloba referências endofóricas (anafóricas e catafóricas) e exofóricas, o que nos inspira a situar a dêixis, respectivamente, nas instâncias do cotexto e do contexto. Na análise do texto seguinte, contemplaremos a discussão das temáticas até aqui empreendida.



**Imagem 3:** A charge na indexicalização da interação

**Fonte:** Formolo Júnior (2015).

A charge em questão aborda uma crítica não só ao uso de celulares em sala de aula, mas, paralelamente, ao desinteresse dos/as estudantes na aprendizagem. As pistas que convergem para essa análise se dão nos planos verbal (enunciado do aluno) e não verbal (expressão facial e posicionamento corporal do aluno, e direcionamento do olhar da aluna). A professora, por sua vez, reage com expressão facial de decepção, sinalizando o desconforto diante das ações do estudante e da estudante. Além dessa configuração (de desinteresse e de decepção), notamos pistas que sinalizam uma ambivalência no campo proxêmico: há algumas semioses de distanciamento (mobiliário escolar, direcionamento do olhar da estudante, postura corporal projetada para trás do estudante e professora em um tablado) e outras de proximidade (alinhamento dos olhares da professora e do aprendiz e enunciado do estudante).

Destacamos que o referente *tia*, diferentemente de outros usos do termo no português brasileiro (como o uso em interlocuções afetivas, como é o caso da designação de professores/as por crianças), constrói um sentido pejorativo/depreciativo relativo à idade da professora. Tal uso marca uma dêixis social e discursiva que, associada ao uso de imperativo não mitigado (*Fala mais baixo*), deprecia/violenta a imagem da professora.

Complementarmente, fizemos uma breve pesquisa em um grupo de WhatsApp, a fim de consultarmos as impressões de duas pessoas sobre o uso linguístico-discursivo no texto em questão, especialmente o uso do chamamento *tia*. Ambas, brasileiras, adultas (30 e 39 anos) e não linguistas (uma historiadora e outra antropóloga), revelaram que a expressão era comumente utilizada por jovens para se referirem, de modo depreciativo, a pessoas mais velhas. Em comum, as duas concordaram que o uso se associava às ações de desafiar, debochar, provocar, desautorizar, romper hierarquias pressupostas na relação, despersonalizar (o uso de um termo genérico para suprimir a identidade da professora) e destituir a pessoa de seu lugar de fala. Tanto o uso apreciativo quanto o uso depreciativo de *tia* marcam uma reduzida distância interlocutiva, haja vista que convocam uma relação marcada por maior intimidade, com a ressalva de que o uso no texto analisado deflagra uma proximidade ameaçadora/violenta.

A charge, em consonância com as demandas do próprio gênero (promover crítica em torno de dado tema), convoca um *frame* e um *footing* que transgridem o prototípico funcionamento da sala de aula (professor/a ministrando aulas e alunos/as envolvidos/as em atividades pedagógicas). O distinto enquadre (*frame*) e a distinta projeção (*footing*) dos/as interlocutores/as na interação representada traz repercussões, de igual modo, para as distâncias interlocutivas. O texto em questão dá relevo à incongruente proximidade do estudante em relação à professora, revelando postura altamente desafiadora e violenta, em dissonância do que se espera em interações que envolvem alunos/as e professores/as.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proxêmica linguístico-discursiva surge como um convite para refletirmos sobre a amalgamação entre indexicalidade e sentidos socialmente construídos em semioses (não)verbais. Assumimos que a distância interlocutiva é mais do que textualmente marcada; ela é ideologicamente inferível, o que situa o construto em um âmbito do particular para o coletivo (do sujeito para os encontros sociais). É somente pelo conjunto das ações languageiras (verbais e não verbais), que convocam determinados contextos, enquadres e alinhamentos, que conseguimos estabelecer as relações de sentido (aproximações/distanciamentos) em jogo na interação. As indexações na linguagem, portanto, não são fixas, tampouco estabelecidas *a priori*, mas são convocadas pela relação dos/as interagentes/as, inscritos/as em dado gênero, em dada formação ideológica, em dada (as)simetria com o/a outro/a, e, antes de tudo, motivados/as por dada intencionalidade (das mais afetivas às mais violentas). Por esse conjunto de fatores, ratificamos que os textos empíricos tiveram um caráter exclusivo de ilustrar mecanismos proxêmicos possíveis, não havendo, assim, qualquer intenção de propor generalizações.

O termo por nós proposto associa-se, em alusão às três temáticas apresentadas, ao estabelecimento de interações (as)simétricas, motivadas pelo desejo de (i) romper ou respeitar a (in)formalidade da interlocução em curso; (ii) dirigir ações (im)polidas ao/à outro/a, em consonância ou em dissonância com as expectativas deste/a; e (iii) violentar linguística, simbólica e discursivamente o/a outro/a, em relações simétricas ou assimétricas. Esperamos, de algum modo, que este texto motive outras pesquisas a desvelarem, tanto na ampliação desses domínios teóricos quanto na descoberta de outros domínios, mecanismos linguístico-discursivos de aproximação/distanciamento, com vistas a dar visibilidade ao que pode estar culturalmente ocultado.

#### REFERÊNCIAS

ADENDORFF, R. D. The functions of code switching among high school teachers and students in KwaZulu and implications for teacher education. In: BAILEY, K. M.; NUNAN, D. (ed.). *Voices From the Language Classroom: Qualitative research in second language education*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 388-406.

ALBUQUERQUE, R. *Um estudo de polidez no contexto de L2: estratégias de modalização de atos impositivos por falantes de espanhol*. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALBUQUERQUE, R. A noção de gêneros textuais no ensino de português brasileiro como língua adicional (PBLA): por uma prática centrada na cena genérica. In: SILVA, F. C. O.; VILARINHO, M. M. O. (org.). *O que a distância revela: Diálogos em Português Brasileiro como Língua Adicional*. Brasília: UAB, 2017. p. 169-192.

ALBUQUERQUE, R.; MUNIZ, A. A enunciação de pedidos como estratégia de (im)polidez no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional. *Soletras*, n. 39, p. 165-191, 2020.

ALBUQUERQUE, R.; ARAÚJO, P. H. S. A aquisição da competência metagenérica na escrita de uma carta de leitor: um estudo de caso no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional. *Veredas*, v. 25, n. 2, p. 344-373, 2021.

ARCHER, D.; AIJMER, K.; WICHMANN, A. *Pragmatics: an advanced resource book for students*. London: Routledge, 2012.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1975 [1962].

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1992].

- BATESON, G. A Theory of Play and Fantasy. In: BATESON, G. *Steps to an ecology of mind: collected essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology*. Northvale, New Jersey/London: Jason Aronson Inc, 1987 [1972]. p. 183-198.
- BAZERMAN, C. Speech Acts, Genres, and Activity Systems: How Texts Organize Activity and People. In: WARDLE, E.; DOWNS, D. (ed.). *Writing about writing: A College Reader*. Boston/New York: Bedford/St. Martin's, 2014 [2004]. p. 365-394.
- BLITVICH, P. G-C.; SIFIANOU, M. Im/politeness and discursive pragmatics. *Journal of Pragmatics*, v. 145, p. 91-101, 2019. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216618306301>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 79-102.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo*. Tradução Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007 [1999].
- BROWN, P; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CARREIRA, M. H. *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain-Paris: Peters, 1997.
- CARREIRA, M. H. A. Deixis e proxémica verbal: Percursos enunciativos e processos discursivos. In: OLIVEIRA, F.; DUARTE, I. M. (org.). *O Fascínio da Linguagem*. Actas do Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca. Porto: Faculdade de Letras, 2008. p. 45-53.
- CARREIRA, M. H. A. Cortesia e proxémica: abordagem semântico-pragmática In: SEARA, I. R. (coord.). *Cortesia: Olhares e (re)invenções*. Portugal: Chiado, 2014. p. 27-46.
- CARREIRA, M. H. Un modele semantique pour l'étude de la proxémique verbale dans le cadre de la semiotique des cultures. *Acta semiótica et linguística*, Université Paris 8, v. 20, n. 1, p. 1-8, 2015.
- CARREIRA, M. H. A. Formas de tratamento de português como designação do outro e de si: perspectivas de investigação e transposição didáctica. *Cadernos de PLE 1*, 2017a. Disponível em: [http://variating.web.ua.pt/wp-content/uploads/2017/03/Helena-Carreira\\_PLE1.pdf](http://variating.web.ua.pt/wp-content/uploads/2017/03/Helena-Carreira_PLE1.pdf). Acesso em: 30 ago. 2020.
- CARREIRA, M. H. A. Contribution à l'étude de la proxémique verbale em Portugais: distance, proximité, enonciation et interlocution. *Studia Universitatis Babeş-Bolyai – Philologia*, v. 62, n. 4, p. 9-16, 2017b.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Tradução Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.
- CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0378216695000143>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017.
- EELLEN, G. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome, 2001.

- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio: o dicionário da língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2008.
- FORMOLO JÚNIOR, M. J. *Aquele Mário Desenhos*. 2015. Disponível em: <http://www.jornaldebetrato.com.br/noticia/232707/uso-descontrolado-de-celulares-dificulta-o-aprendizado-na-escola>. Acesso em: 15 out. 2018.
- FRASER, B.; NOLEN, W. The association of deference with linguistic form. *International Journal of the Sociology of Language*, n. 27, p. 93-109, 1981. Disponível em: <http://www.degruyter.com/view/journals/ijsl/1981/27/article-p93.xml>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- GOFFMAN, E. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6 (pt. 2), p. 133-136, 1964.
- GOFFMAN, E. *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. UK: Penguin University Books, 1967.
- GOFFMAN, E. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Boston: Northeastern University Press, 1986 [1974].
- GOFFMAN, E. *Footing*. Tradução Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002 [1979]. p. 107-148.
- GOLD, M. *Redação empresarial: escrevendo com sucesso na era da globalização*. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, J. J. Interactional Sociolinguistics: A Personal Perspective. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (ed.). *The Handbook of Discourse Analysis*. USA: Blackwell Publishers, 2001. p. 215-228.
- HAUGH, M.; CULPEPER, J. Integrative pragmatics and (im)politeness theory. In: ILIE, C.; NORRICK, N. R. (ed.). *Pragmatics and its Interfaces*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 213-239.
- HALL, E. T. *The Silent Language*. New York: A Premier Book, 1965 [1959].
- HALL, E. T. A System for the Notation of Proxemic Behavior. *American Anthropologist*, v. 65, n. 5, p. 1003-1026, 1963.
- HALL, E. T. *A dimensão oculta*. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 1986 [1966].
- HALL, E. T. *et al.* Proxemics [and Comments and Replies]. *Chicago Journals*, v. 9, n. 2-3, p. 83-108, 1968.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Tome 2. Paris: Armand Colin, 1992.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da Conversação*. Tradução Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006 [1996].
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. ¿Es universal la cortesía? In: BRAVO, D.; BRIZ, A. (ed.). *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel Lingüística, 2004. p. 39-53.
- KNAPP, M. L. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- KNAPP, M. L.; HALL, J. A. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. 3. ed. USA: Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

- KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. In: CORUM, C. et al. (ed.). *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: 1973. p. 292-305.
- LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.
- LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Tradução Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1983].
- LOCHER, M.; WATTS, R. Politeness theory and relational work. *J. Politeness Res.*, v. 1, p. 9-33, 2005. Disponível em: <http://www.degruyter.com/view/journals/jplr/1/1/article-p9.xml>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.
- MILLER, C. R. Genre as social action. *Quartely Journal of Speech*, v. 70, n. 2, p. 151-67, 1984. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00335638409383686>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- MILLER, C. R. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (ed.). *Genre and the New Rethoric*. London: Taylor & Francis, 1994. p. 67-78.
- MILLS, S. *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. *Tranel.*, v. 23, p. 273-302, 1995.
- MORATO, E. M. *Linguagem e Cognição - As reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da Linguagem*. São Paulo: Plexus, 1996.
- MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de letras da UFF*, n. 41, p. 93-113, 2010. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/artigo4.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.
- PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 68-90.

RECTOR, M.; TRINTA, A. R. *Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROCHA, S. P. *Integrar o G-mail com a Google Agenda*. 2011. Disponível em: <http://setesys.com.br/blog/integrar-gmail-agenda/>. Acesso em: 15 out. 2018.

SOUZA, F. C. *Turma do Quiabo 17 – Alfabetização*. 2012. Disponível em: <http://www.vardomirices.com.br/2012/07/alfabetizacao.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

STREECK, J. Ecologies of gesture. In: STREECK, J. (ed.). *New Adventures in Language and Interaction*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 223-242.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Interactive Frames and Knowledge Schemas in Interaction: Examples from a Medical Examination/Interview. *Social Psychology Quarterly*, v. 50, n. 2, p. 205-216, June 1987.

TURNBULL, W.; SAXTON, K. L. Modal expressions as facework in refusals to comply with requests: I think I should say 'no' right now. *Journal of Pragmatics*, v. 27, n. 2, p. 145-81, 1997. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216696000343>. Acesso em: 30 ago. 2020.



Recebido em 30/04/2021. Aceito em 09/03/2022.